

**(GEO)GRAFIAS DOS POVOS INDÍGENAS EM LINGUAGENS
AUDIOVISUAIS: A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NAS ALDEIAS
INDÍGENAS DE DOURADOS (MS) – CONTRIBUIÇÕES PARA A
EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

Juliano Ajala Benites^{1*}, Flaviana Gasparotti Nunes¹

1. UFGD;

* Autor para contato: juliano.benites96@hotmail.com

As consequências e problemas ocasionados pela criação de reservas indígenas ao modo de vida Guarani e Kaiowá são objeto de investigação e discussões de diversos pesquisadores, assim como de movimentos sociais e organizações não governamentais. Nos últimos anos, em vista do acirramento de conflitos pela demarcação de terras e retomada de territórios tradicionais, tem se observado diversas formas de luta e manifestações das comunidades indígenas em torno de seus direitos e modos de vida. Entre as formas de comunicação utilizadas pelos povos indígenas para construir estratégias de luta e resistência, verifica-se o crescente uso da linguagem audiovisual, fomentado e facilitado pela disseminação do acesso às tecnologias digitais. Ao dar visibilidade a diferentes aspectos de suas realidades, acreditamos que a produção audiovisual indígena contribui para que elementos próprios de suas relações, dinâmicas e lógicas socioespaciais possam ser melhor compreendidos por meio das especificidades e potencialidades da linguagem audiovisual. Considerando essas questões, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar as potencialidades da linguagem audiovisual para compreender as relações e dinâmicas socioespaciais dos povos indígenas de Dourados (MS). Para atingir os objetivos foram desenvolvidos os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica envolvendo artigos e dissertações de mestrado que tratam da produção audiovisual indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul; levantamento das produções audiovisuais realizadas por indígenas de Dourados (MS) a partir de pesquisas na internet priorizando escolas e movimentos indígenas. A partir disso, foi realizada a seleção e classificação da produção audiovisual encontrada. Após a revisão bibliográfica, bem como a identificação dos principais realizadores audiovisuais indígenas de Mato Grosso do Sul

optamos por delimitar dois realizadores: Ação Jovens Indígenas de Dourados (AJI) e a Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI) e realizamos entrevistas com os responsáveis pela produção audiovisual nas mesmas. Identificamos um número significativo de audiovisuais desses dois realizadores, no entanto, para este trabalho, delimitados aqueles produzidos em aldeias do município de Dourados (MS) e que não fossem relativos ao registro/documentação de algum tipo de evento ou atividade. Assim, chegamos às seguintes produções: Panambizinho: O fogo que nunca apaga (2014) da ASCURI; O carrinho (2007), Ex-presidiárias indígenas (2013) e Cadê o relógio? (2010) da AJI. Analisando essas produções, podemos concluir que o audiovisual contribui para que conhecimentos tradicionais que, muitas vezes não podem ser somente escritos, sejam abordados e divulgados de maneira mais interessante e atrativa por meio da linguagem audiovisual. Além disso, sendo essa produção realizada pelos próprios indígenas, valoriza-se seu protagonismo, na medida em que podem falar sobre suas histórias, memórias, modos de vida e cosmologias, constituindo-se como uma forma de comunicação direta e, ao mesmo tempo, de resistência.

Palavras-chave: Audiovisual, Povos indígenas, Educação geográfica.

Agradecimentos: Ao PIBIC/CNPq pela bolsa de Iniciação Científica que apoiou a pesquisa e aos membros das associações (ASCURI e AJI) que concederam as entrevistas.